

Vida é fazer todo sonho brilhar ¹

Engenho de Sonhos: uma experiência no Nordeste do Brasil

Henrique José Cocentino Fernandes*

1. A Engenhosidade do Sonho

O Fórum Engenho de Sonhos de Combate à Pobreza² é uma experiência de articulação institucional e construção de iniciativas de trabalho em rede, na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Ao longo deste artigo, estaremos analisando nossa participação neste processo de construção do Fórum, mais especificamente na sua proposta de geração de trabalho e renda para os jovens de cinco bairros periféricos da cidade (Bom Pastor, Felipe Câmara, Guarapes, Cidade Nova e Cidade da Esperança). É importante ressaltar que utilizamos uma série de documentos e relatórios³ já produzidos ao longo destes anos de atuação do Engenho. Portanto é justo compartilhar o crédito desse trabalho com colaboradores e técnicos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), das ONGs e jovens das comunidades. A esse projeto, acrescentei reflexões e contribuições.

1 Trecho da música Papel Machê de João Bosco.

* Brasileiro. Reporter Fotográfico, artista multimídia. Sócio fundador da ONG ZooN Fotografia. Coordenou até 2004 o Grupo de Trabalho de Geração de Renda do Fórum Engenho de Sonhos de Combate à Pobreza, como representante da ONG CENARTE. Membro da Rede Brasileira de Sócio Economia Solidária.

2 Endereço: Engenho de Sonhos, Avenida Solange Nunes do Nascimento, 06 - Cidade Nova CEP 59072-500 - Natal - RN - Brasil, Fones: 0xx84 - 605 1550 e 605 1688.

3 Documentos como o Projeto e Relatório da Fase I, Relatório do Diagnóstico Interativo, Projeto e Relatório da Rede de Economia Solidária do Engenho, Projeto e Relatório da Fase II do Engenho etc.

Os *Engenhos* foram unidades produtoras de açúcar, grande dinamizadores da economia local e marco da economia nordestina na era colonial, caracterizada pela presença da casa grande (do senhor de engenho), senzala (onde moravam os negros escravos) e ambiente social que propiciou a miscigenação entre negros, brancos e índios. Foi também responsável pela criação de muitos povoados e cidades. No Rio Grande do Norte, existiram até o início do século XX, produzindo açúcar, rapadura, mel de engenho e outros derivados, que fazem parte da cultura do nosso povo. Os engenhos são, inclusive, a origem remota das comunidades trabalhadoras que surgiram como povoados no entorno de fazendas locais. O *Sonho* é aquilo que nos move, que traz esperança, que fortalece a fé, que nos faz acreditar que as mudanças são possíveis.

No universo popular, a palavra engenho deu origem às palavras: engenhoso e engenhoca. Engenhoso é aquela pessoa que faz uso da criatividade e dos poucos recursos para encontrar soluções novas para os problemas que surgem. A engenhoca tem o sentido de algo construído a partir da escassez material e financeira, mas que apresenta uma solução alternativa a um determinado problema. O Engenho de Sonhos é parte dessa vontade de construir algo novo e alternativo diante dos problemas e das limitações de recursos, principalmente a partir dos sonhos individuais e coletivos. O projeto é também resultado das ganas de um espaço de geração de esperanças e ações, na perspectiva de uma vida melhor.

O Engenho de Sonhos é o resultado de uma iniciativa colegiada de diversas organizações⁴ que, a partir de um amplo e democrático debate, se comprometeram com a elaboração desta proposta, em todas as suas etapas, desde a discussão de concepção do trabalho, formulação e elaboração de suas diretrizes de implementação e avaliação. Essas organizações também se comprometeram com a disseminação do trabalho, de acordo com o novo Plano Estratégico de Programação para a Região da América Latina e Caribe da Fundação W. K. Kellogg (que apóia a iniciativa). O objetivo do plano é “demonstrar e disseminar estratégias para romper o ciclo da pobreza através da promoção do desenvolvimento

4 Na sua fase inicial o Engenho foi contituído pelas seguintes organizações: A Frente de Alfabetização Popular (FAP), o Centro de Documentação e Comunicação Popular (CECOP), Natal Voluntários, o Centro de Direitos Humanos e Memória Popular (CDHMP), o Centro de Estudos, Pesquisa e Ação Cultural (CENARTE), Terra e Teto – Assessoria Sócio Ambiental, Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMNR), Centro Social Comendador Luiz da Câmara Cascudo, o Programa de Desenvolvimento Urbano de Natal (PRODURN), o Grupo de Capoeira Cordão de Ouro, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); O Programa UNI-Natal e a Fundação Norteriograndense de Pesquisa e Cultura da UFRN (FUNPEC).

saudável dos jovens, propiciando sua participação em comunidades sócio-economicamente dinâmicas”⁵

A proposta do Engenho de Sonhos se constitui-se numa estratégia de contribuir para romper com o ciclo de pobreza na região Oeste de Natal, a partir do aproveitamento e potencialização da energia e capacidade dos jovens. Promove o protagonismo juvenil com vistas a torná-los agentes ativos na construção de sua cidadania, reconhecendo o direito ao bem estar, ao trabalho e à renda como requisitos para se construir, no âmbito local, uma nova lógica de desenvolvimento. Essa estratégia funciona como alternativa à miséria e à exclusão social, pautada num desenvolvimento integrado e sustentável, com a meta de construir também uma nova sociedade, mais justa e igualitária.

2. A complexidade da realidade

A cidade de Natal está localizada no estado do Rio Grande do Norte, na região Nordeste do Brasil, uma das regiões mais pobres da América Latina. O Rio Grande do Norte tem 90% do seu território localizado no semi-árido nordestino, enfrentando os graves problemas decorrentes da seca e da escassez de água doce para o consumo humano e atividades agropecuárias. O estado é produtor de petróleo e sal marinho, além de desenvolver atividades agroindustriais (fruticultura) e, mais recentemente, a produção de camarão em cativeiro. Tanto o plantio de frutas quanto a carcinicultura são voltadas para exportação. Não possui um parque industrial expressivo, merecendo destaque ainda o setor de serviços, mais notadamente o de turismo.



5 As Novas Direções da Programação Estratégica. W. K. Kellogg Foundation - Região da América Latina e Caribe, setembro 1999.

Natal ainda oferece excelentes condições de qualidade de vida, particularmente pelos seus recursos naturais. Porém, a maioria de sua população não tem acesso a esses benefícios ou sofre pela falta de investimentos sociais em infraestrutura urbana, o que tem agravado o quadro de pobreza e, conseqüentemente, os problemas sociais dela decorrentes.

A sua vocação econômica hoje mais explorada é, sem dúvida, o turismo. Essa atração de pessoas de fora por Natal se dá pelos recursos naturais que dispõe: clima agradável, qualidade do ar, beleza das praias, dunas e lagoas existentes na cidade e no seu entorno. Natal também torna-se atrativa pelos seus atributos culturais e humanos.

A cidade é uma das capitais da região Nordeste que vem apresentando os maiores índices de crescimento. Entre o ano de 1970 e 2000, a população cresceu de 264.379 para 709.422 habitantes, segundo o IBGE (2000). Esse processo de desenvolvimento tem servido de elemento de atração às populações do interior, fazendo com que cerca de 25% dos habitantes do estado residam na capital. A migração tem promovido uma forte pressão por oferta de serviços públicos, com pouca capacidade de resposta por parte das administrações municipais. O resultado é que apenas 29% da sua população natalense têm coleta e tratamento de esgotos adequados.

A cidade divide-se em quatro regiões administrativas (Norte, Sul, Leste e Oeste). A região Oeste tem um dos maiores contingentes populacionais, com 183.610 habitantes (IBGE, 1996), e os piores indicadores sociais da cidade. Apresenta o maior índice de mortalidade infantil (21,42%), de gravidez na adolescência (24,95%) e de incidência de DSTs e AIDS. Quanto à educação, 29,96% dos chefes de famílias da região são analfabetos e 16,86% possuem apenas de 1 a 3 anos de estudo, segundo o IBGE (1996).

A região Oeste é também campeã em incidência de homicídios⁶ e concentra o maior índice de ações transgressoras cometidas por jovens (Silva, 1997). Por outro lado, os jovens também são vítimas de diversas formas de violência: abusos sexuais, abandono, consumo de drogas, espancamentos (inclusive de crianças na faixa etária de 0 a 6 anos), trabalho infante-juvenil (também em atividades ilícitas como o tráfico de drogas), práticas afetivo/sexuais com exposição à gravidez precoce e DSTs/AIDS.

6 Segundo pesquisa realizada pelo Centro de Direitos Humanos e Memória Popular, a partir das matérias veiculadas nos jornais locais.

Os jovens da região têm uma enorme carência de espaços positivos e saudáveis destinados ao lazer e a outras atividades. Ainda assim, muitos deles se reúnem e se organizam em grupos ligados às igrejas católica e evangélica. Algumas unidades de saúde da rede municipal possuem grupos de auto-ajuda e de cuidados de adolescentes e jovens. Existiam também, quando começamos o Engenho de Sonhos, jovens organizados em ONGs e grupo culturais, esportivos e folclóricos. Um ponto de encontro importante para a juventude é, marcadamente, a escola. Porém os jovens se encontram, ainda, nos bares e clubes da região. Alguns se organizam em galeras e gangues nas quais observam-se ações transgressoras, destacando-se o consumo de drogas (álcool, fumo, maconha e crack).

Segundo o DIEESE, o índice de desemprego na Grande Natal, em novembro de 1999, foi de 17,3% (DIEESE/SINE, 1997). O número é muito elevado para um mercado de trabalho urbano (a maior taxa de desemprego é verificada na faixa etária de 18 a 39 anos - 72,2%).

Partimos deste diagnóstico prévio da realidade da região composto por dados oficiais⁷ que permitiram conhecer alguns dos indicadores de qualidade de vida e os principais problemas da região. Mas estes dados oficiais não tinham muito significado na cabeça dos jovens da região, para isso desenvolvemos um processo de implantação do Engenho, inserção social e mobilização dos jovens nas comunidades, a partir de seu conhecimento da realidade, que denominamos diagnóstico interativo.

3. O diagnóstico interativo

O diagnóstico interativo foi resultado de cinco seminários realizados nos cinco bairros envolvidos no projeto, entre os meses de março e abril de 2002. O trabalho contou com a atuação de educadores das ONGs envolvidas no fórum, parceiros, observadores da UFRN, coordenação jovem e cerca de 800 jovens das localidades que participaram do evento, tanto nos aspectos organizativos como da discussão política, debatendo os seus sonhos, problemas e propostas para os bairros. O resultado dessa ação é um rico e diversificado material, indispensável ao conhecimento da realidade sob a ótica dos jovens. Essa iniciativa se constituiu em um marco da história do trabalho com crianças, jovens e adolescentes no Rio Gran-

7 Fontes como o IBGE, SEMURB, DIEESE, SMS-Natal, Projeto UNI-Natal, as organizações parceiras, SOS Criança, dentre outras.

de do Norte, pois, pela primeira vez, foram consultados sobre seus sonhos e expectativas.

A realização dos seminários de diagnósticos por bairro trouxe em sua dinâmica a sinalização dos problemas que mais preocupam os adolescentes e jovens, articulando os problemas dos bairros com as redes temáticas: 1) Emprego e Renda; 2) Comunicação e Educação; 3) Arte, Cultura, Esporte e Lazer e 4) Saúde e Meio Ambiente. A idéia era agregar as idéias às necessidades no enfrentamento da realidade. Assim, a metodologia dos seminários de diagnósticos foi o SONHO em suas várias dimensões: identidade, ambiental, social, familiar, econômica, cultural, política e gerencial.

O SONHO funcionou como ação pedagógica, oportunizando o protagonismo político de construções individuais e coletivas, com o exercício de ouvir e de falar. Essa metodologia tem se constituído também como princípios de participação e democracia no processo.

Mais especificamente sobre trabalho e renda na região Oeste, a análise dos dados pesquisados pelo diagnóstico interativo junto aos jovens apontou o difícil acesso dos jovens ao mundo do trabalho (apenas 11,8% estão ocupados). Isso atesta a inexistência de políticas públicas para a inserção do jovem no mercado. É possível entrever que as inserções profissionais citadas nos questionários (lavajato, empregada doméstica, limpeza de quintal, carregador na feira, autônomo, babá...) configuram arranjos descolados de garantias trabalhistas e possibilidade de carreira profissional. Dos jovens que trabalham, 79% expressam satisfação com sua atividade. Um número alto, dadas as condições de remuneração (43% ganham até 2 salários mínimos) e as de trabalho às quais se encontram submetidos (veja-se que em grande parte tratam-se de serviços braçais: empilhador, entregador de gás, armador, metalúrgico, engomador). Entre as jovens, o trabalho como empregada doméstica é o que mais se destaca. Entre os rapazes, não há uma predominância específica de um tipo de trabalho. Entretanto, a maioria dedica-se a serviços braçais.

Quanto às expectativas de profissionalização, os jovens apontam a demanda por cursos estritamente profissionalizantes como montagem e manutenção de micros, estilista, enfermagem e mecânica de autos. Isso revela uma tendência a uma intenção pragmática dos jovens a cursos técnicos de curta duração e rápida inserção profissional (refletindo, assim, as ações governamentais existentes). Apesar da baixa escolaridade e da evasão escolar, curiosamente aparecem carreiras cujo pré-requisito é o nível superior.

De modo resumido, o perfil do jovem da região Oeste de Natal e sua família pode assim ser definido: trata-se de uma família cujos ganhos giram em torno de dois salários mínimos. O pai é pedreiro e a mãe, empregada doméstica. O jovem não trabalha. Há poucas opções de trabalho, geralmente braçais. Os vencimentos são inferiores a um salário mínimo, mas o jovem aceitaria essas opções de bom grado. Quanto às expectativas profissionais, o rapaz quer ser mecânico e trabalhar em uma oficina. E a jovem quer ser recepcionista. Ambos desejam fazer um curso de idiomas e informática para melhorar suas possibilidades de inserção profissional e, conseqüentemente, seus rendimentos.

No que diz respeito às preocupações da população, há a questão da violência, insegurança e drogas. Mas 5% dos jovens apontam a pobreza e o desemprego diretamente. Pode-se concluir que trabalho e renda exercem influência nos sonhos coletivos. O que se pede são direitos fundamentais do cidadão como escola, saúde e trabalho. A elaboração dos sonhos vinha sempre com o contraponto das barreiras/dificuldades e das condições concretas para a sua realização.

Quando da elaboração de formas de enfrentamento da violência doméstica, os jovens pedem que os adultos estabeleçam relações na base do diálogo, procurando conhecer e compreender a realidade/necessidade de expressão do jovem. Ao debruçarem-se sobre a violência dentro do lar, os jovens referem-se à condição de desemprego do pai, que leva ao consumo de álcool e ao comportamento agressivo.

Nas estratégias de combate à violência, colocam em primeiro lugar o combate à pobreza. A demanda juvenil por inserção social passa também pelo clamor de políticas públicas que possibilitem o acesso ao primeiro emprego. Quando se pensa a escola como instituição preparatória por excelência para o mundo do trabalho, uma série de ponderações se fazem presentes. Para oferecer a infraestrutura adequada de ensino, algumas escolas da zona Oeste terão que lidar com o vandalismo que sucateia seus equipamentos as instalações físicas e com o preconceito social que atinge os professores que estabelecem uma relação com os alunos.

Quando uma demanda por qualificação é colocada, uma injunção a ela se faz sentir: como se qualificar/capacitar tecnicamente investindo em mais tempo de estudo se as oportunidades de trabalho, em sua totalidade no mercado informal, surgem na mais tenra idade? A demanda por um trabalho precoce quase sempre inviabiliza a trajetória escolar desse mesmo jovem.

Agrava ainda mais a nossa análise a constatação de que, para muitos jovens,

a escola não é mais um espaço para a vida. Dito de outra forma: há um desinteresse crescente pelo ensino público, já que ele não oferece condições de mobilidade social para os jovens. O abandono ou as sistemáticas interrupções nos estudos seria o início de todo um processo de desqualificação social e profissional do jovem. Alguns, inclusive, analisam que, mesmo chegando a concluir um curso superior, este já não garante mais um emprego.

Tais constatações podem justificar a atração por demandas de trabalho negativas do ponto de vista social, como a prostituição e o tráfico de drogas. A discriminação e o preconceito social incidem negativamente sobre os jovens moradores da região Oeste. Identificar-se como morador da região mina as oportunidades de acesso ao mundo do trabalho e à escola. Trabalho e educação são muito correlacionados. Quanto mais humilde o ofício dos pais, via de regra, menor a trajetória escolar de seu filho.

Por outro lado, impressiona a capacidade de enfrentamento ou resiliência associada ao trabalho, mesmo sendo este voluntário. A vinculação a grupos culturais, religiosos ou de esporte parece ajudar na capacidade de ressignificar um cotidiano de oportunidades escassas que poderiam muito bem levar a um estado de desagregação psíquica e de imobilismo social. Multiplicam-se arranjos solidários através do mercado informal e da ação de ONGs na zona Oeste, permitindo a busca por espaços de expressão e atuação social.

De modo resumido, os jovens da região Oeste de Natal, que participaram do diagnóstico interativo, levantaram a preocupação e propuseram as seguintes ações para a geração de trabalho e renda e para o enfrentamento da pobreza:

1. Capacitação profissional para possibilitar inserção no mercado de trabalho;
2. Profissionalização do o esporte amador e de atividades culturais (grupos locais);
3. Estímulo a organizações coletivas, cooperativas, associações e grupos de produção;
4. Acesso ao primeiro emprego;
5. Incentivo a jovens empreendedores;
6. Desenvolvimento de frentes de trabalho voluntário na comunidade (ações com a finalidade de diminuir a pobreza;
7. Desenvolvimento de ações de geração de renda para os jovens e suas famílias, potencializando o uso destes recursos pela família (gestão) e permitindo o acesso desses rapazes e moças a uma parcela da renda (distribuição);
8. Incentivo à vida escolar e à formação cidadã, observando que o atual mode-

lo de escola não atende ao desenvolvimento das potencialidades e anseios da juventude;

9. Não permitir a inserção prematura do jovem no mercado de trabalho, pois compromete o seu futuro escolar e desenvolvimento pessoal.

4. A reflexão sobre juventude, trabalho e pobreza

Quando começamos a construir o Engenho de Sonhos, referendados pelos dados expostos acima, tivemos a certeza de que a problemática do trabalho e renda estavam na pauta de desafios do Engenho, dos jovens e das comunidades.

É importante destacar a ausência, na época, de capacitação e conhecimento por parte das entidades parceiras sobre a geração de trabalho e renda. Esse desafio foi aceito pelo fórum, que destacou técnicos das ONGs CENARTE (Centro de Estudos, Pesquisa e Ação Cultural) e PRODURN (Programa de Desenvolvimento Urbano de Natal), que assumiram o desafio de estudar sobre o assunto, propondo ações e reflexões.

Ainda nas primeiras conversas, iniciamos uma crítica aos modelos de ações que podíamos vislumbrar naquele momento, pois as ações governamentais e não-governamentais eram desenvolvidas com uma lógica de inserção de uma massa excluída no mercado consumidor (dentro de um modelo assistencialista); reprodução do ciclo de pobreza, ao capacitar os jovens e comunidades para o sub emprego; ou ainda formar “empreendedores” para competir entre si no mercado capitalista. Não víamos, naquele momento, ações que garantissem a construção de solidariedade e parceria nas comunidades, ações de geração de trabalho e renda em sintonia com a lógica do desenvolvimento local, democrático e sustentável.

Outro ponto levantado era a inserção prematura do jovem no mercado de trabalho, forçando muitas vezes o abandono da escola e queimando uma etapa de sua vida. O período de estudo poderia ser investido também em capacitação, possibilidade de vislumbrar novos horizontes e construir sonhos e alcançar vãos mais altos para suas vidas.

Porque devemos queimar uma fase tão importante da vida destes jovens com o trabalho? Podemos oportunizar a eles acesso aos bens culturais, esporte e lazer, além de garantir o contato com tecnologias e conhecimento, dando asas a suas potencialidades criativas e necessidade de expressão e afirmação social... É

assim que os filhos das classes sociais mais favorecidas se preparam para a vida adulta. Por que ao pensarmos os jovens de periferia buscamos emergencialmente e de forma prematura sua inserção no trabalho? O que mais favorece para a reprodução do ciclo de pobreza?

Outros aspectos que destacamos é a necessidade de refletir a vida deste jovem, em sua família e sua comunidade. Como garantir que a sua atividade profissional não provoque conflitos familiares, principalmente quando o filho tem rendimentos maiores que o pai desempregado? Ou quando saia de casa e da comunidade para morar só, desfazendo vínculos e compromissos com a mudança da realidade local? Ou ainda quando tenha que entregar todo o seu salário para a família? Como esta família administra seus recursos e melhora suas condições de vida com os rendimentos que tem?

Ainda não temos respostas definitivas, são diversas as pressões sociais e familiares existentes na vida destes jovens. Mas, se puderem escolher, estarão querendo aproveitar as oportunidades para desenvolver suas potencialidades, conhecer alternativas e seguir um futuro melhor para ele, sua família e sua comunidade.

Com base nestas reflexões, construímos algumas propostas de ação, mas que careciam de uma formulação política mais ampla que dessem sustentação a elas. Faltava o espírito da coisa, um elo capaz de articular nossas vontades locais com uma estratégia mais ampla de construção social. Foi nesta busca que nos deparamos, no final do ano de 2001, com a proposta da economia solidária, sua constituição em redes de produção e consumo e a moeda social. A partir daí, iniciamos uma busca em conhecer e estudar sobre o assunto, que culminou com a nossa participação no seminário internacional sobre economia solidária no II Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em fevereiro de 2002. Nesse evento, tivemos a certeza de ter encontrado um caminho de fortalecimento da solidariedade, da cooperação e da construção de um novo modelo de economia e de sociedade.

Depois disso, agregamos os dados e demandas levantados no diagnóstico interativo, instituímos reuniões quinzenais de um grupo de estudos sobre a temática, que aos poucos foi dando forma ao projeto de intervenção. Passamos a participar da Rede Brasileira de Sócio Economia Solidária (RBSES), realizamos a oficina ABC da Economia Solidária (ministrada por Joaquim e Sandra, do Banco Palmas, no Ceará), que consolidou a participação de grupos dos cinco bairros. Essa participação também auxiliou o fechamento de uma proposta de implanta-

ção de nossa rede local de economia solidária, apresentadas num seminário sobre desenvolvimento local na região Oeste, em abril de 2003.

Neste mesmo período, vivenciamos um processo nacional de articulação das várias iniciativas no campo da economia solidária, que resultou na realização de três plenárias nacionais, que possibilitaram a constituição do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Esse fórum foi capaz de mobilizar, junto ao recém eleito presidente Lula, a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) em maio de 2003, vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego. Houve, então, o impulso desse movimento e a implantação de ações afirmativas de institucionalização e consolidação das práticas solidárias em nível nacional.

No Rio Grande do Norte, nossas articulações com outras instituições que atuavam na área possibilitaram o encontro destas iniciativas e favoreceram o surgimento do Fórum Potiguar de Economia Solidária (FPES), que hoje reúne e articula as iniciativas locais com as ações nacionais em rede.

Portanto, a Rede de Economia Solidária Engenho de Sonhos (RESES) apresenta-se, em nossa compreensão, como a única alternativa concreta de intervenção no plano local com vistas a construção de um novo modelo de desenvolvimento social, local e sustentável, superando o plano da formulação teórica. É um sonho que, ao ser sonhado coletivamente, constitui-se numa realidade para o enfrentamento da pobreza e geração de renda.

5. A proposta da Economia Solidária⁸

A humanidade sonha e demanda qualidade de vida. Os últimos 200 anos demonstraram que o desenvolvimento competitivo e sem regulação gera perdas de qualidade nas condições de vida de todos e do planeta. As degradações sociais e ambientais já se tornaram uma realidade econômica e social presente e imediata e não uma ameaça do futuro. A visão utilitarista de Adam Smith já foi comprovadamente desmentida e, atualmente, o que tem ocorrido é o aumento da exclusão, desemprego, pobreza e concentração de renda. A sociedade do consumo é também a sociedade do desperdício, violência, exploração e competição.

8 Diante a vasta bibliografia sobre a temática, destacamos a contribuição de Euclides André Mance, e organizações como FASE, CARITAS, IFIL, PACS, RBESES etc:

Mance, Euclides A. (org.), *Como Organizar Redes Solidárias* - Rio de Janeiro: DP&A, FASE, 2002.

Mance, Euclides A. *Redes de Colaboração solidária: aspectos econômicos - filosóficos: complexidade e libertação* - Petrópolis/RJ, Vozes, 2002.

A observância dos direitos humanos em seus aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais implica na transformação das políticas sociais, econômicas, culturais e ambientais atuais. O objetivo é o desenvolvimento de baixo para cima a partir da base da sociedade e com foco na sustentabilidade.

A economia solidária é uma proposta alternativa ao modelo neoliberal que afirma relações humanas, sociais e econômicas com base em princípios de solidariedade, colaboração e autogestão, tendo como propósito organizar a produção e o consumo visando o desenvolvimento local, democrático e sustentável.

A formação de novos atores que se transformem em sujeitos ativos pressupõe a existência de novas utopias que mobilizem a vontade política e de ativistas, religiosos, artistas, comunicadores, professores, médicos, assistentes sociais, promotores, técnicos, intelectuais, artesãos e agricultores, entre outros, que partilhem desta visão e sejam solidários e atuantes.

Nós podemos contribuir com o bem viver de todas as pessoas simplesmente selecionando os produtos e serviços que consumimos, preocupando-se com as qualidades técnicas, sociais e ecológicas, tendo em vista a realização da qualidade de vida do consumidor, dos produtores, comerciantes solidários e da sociedade em geral. Podemos contribuir gerando postos de trabalho com distribuição de renda, mantendo o equilíbrio dos ecossistemas e construindo uma nova sociedade solidária.

Assim, busca-se integrar consumo, comercialização, produção e crédito em um sistema harmonioso e interdependente, coletiva e democraticamente planejado e gerido, que sirva ao objetivo comum de responder às necessidades da reprodução sustentável do bem viver das pessoas em todas as suas dimensões, inclusive, nos âmbitos da cultura, arte e lazer. É a conexão em rede do consumo e da produção em laços de realimentação, com distribuição de renda. Isso viabiliza economicamente a consistência e a expansão dessa alternativa à globalização capitalista.

Este novo paradigma desponta relacionando a *economia* com sua função original, a de “gestão da casa”, referida aqui a todas as casas em que habitamos, desde o nosso corpo até o planeta Terra, passando pelas comunidades, o município, o estado, o país, a macroregião e o continente.

O desenvolvimento humano é visto como o objetivo maior da atividade produtiva e criativa. A dimensão politicamente inovadora deste paradigma está em conceber cada pessoa, cada cidadão ou grupo de cidadãos como o sujeito potencialmente ativo e criativo do seu próprio desenvolvimento.

Os empreendimentos da economia solidária possuem características e princípios de: autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação no trabalho, auto-sustentação, desenvolvimento humano sustentável, responsabilidade social e ambiental.

6. Uma alternativa de geração de trabalho e renda, sustentável e solidária

A implantação de uma rede de economia solidária assume um papel importante em um mundo em que a cada dia perdemos a esperança e o direito de sonhar. A exclusão e a pobreza colocam-se como desafios centrais para uma quantidade cada vez maior de jovens e pessoas que vivem à margem deste modelo de globalização. É, portanto, um campo de prática solidária, reinvenção das utopias, afirmação de que um outro mundo é possível.

Neste sentido, entendemos que a implantação de nossa rede constitui uma alternativa legítima de articulação das preocupações levantadas pelos jovens com a construção de uma alternativa sustentável para as comunidades. A rede representa também um espaço privilegiado para a transversalidade das ações do Fórum Engenho de Sonhos e para a construção prática de um modelo de geração de renda capaz de dar respostas concretas e imediatas, assim como de influenciar na adoção de novos modelos de políticas públicas e desenvolvimento social.

Nossa rede é constituída inicialmente por uma política de formação e capacitação conceitual, técnica e administrativa, através de oficinas e seminários, incubadoras de células de produção e de microcrédito. É também formada por atividades nas comunidades com jovens, famílias e comerciantes locais para, dessa forma, implementar a loja que promove a troca, venda e consumo de produtos e serviços solidários para dentro e fora da rede.

Definimos em oficinas e reuniões que iríamos iniciar nossa rede a partir da articulação dos passos a seguir apresentados. Esses passos serão organizados em torno de uma loja e uma incubadora, capazes de aglutinar células de produção, serviço e consumo solidário.

- **1º passo:** Ter disposição para colocar em prática o que definimos. Em nossas reuniões quinzenais, estamos conversando e elaborando agendas e atividades para serem executadas. É importante o compromisso de todos os grupos em participar das reuniões, repassar as definições e implementá-las. Nesta fase, é fundamental o papel da equipe de animação e articulação de uma rede de comunicação interna.

- **2º passo:** Reunir os grupos de interesse de cada bairro. Neste momento é importante consolidarmos um grupo em cada comunidade, comprometido e mobilizado para implementar nossa rede, promovendo reuniões locais no intervalo de cada reunião quinzenal. Devemos buscar o empenho e o compromisso, formando animadores em cada comunidade, que devem constituir uma dinâmica própria de reuniões e encontros, com capacidade e conhecimento sobre a temática.
- **3º passo:** Ampliar o número de jovens e adultos interessados em trabalhar em equipe e capacitá-los na discussão sobre desenvolvimento local e economia solidária. Devemos promover eventos, convidar jovens, familiares e pessoas das comunidades para assistir vídeos, trabalhar textos e dinâmicas, disseminando e sensibilizando para a proposta. Os itens 3 e 4 são interdependentes, ou seja, ao promovermos reuniões, debates e capacitações, estamos fortalecendo e ampliando o grupo.
- **4º passo:** Capacitar em economia solidária, gestão, autogestão e empreendedorismo. Através de parceiros como SEBRAE, SENAES, INCOOP, UNITRABALHO, FPES e UFRN, promovemos cursos, oficinas e seminários de capacitação dos protagonistas locais.
- **5º passo:** Pesquisar nos bairros a produção e consumo local (mapeamento). Realizar uma ampla pesquisa nos cinco bairros, identificando a realidade e a potencialidade de produção e consumo de cada comunidade, reunindo informações sociais e econômicas importantes. Devemos ter um momento de capacitação para os jovens que irão aplicar a pesquisa, construindo equipes capazes de, ao mesmo tempo em que aplica os questionários, mobiliza a comunidade para a participar da rede. É importante que haja um trabalho articulado de colaboração entre os bairros.
- **6º passo:** Promover reuniões com comerciantes e comunidades. Aproveitar a realização da pesquisa nas comunidades para promover ações de mobilização e sensibilização sobre a economia solidária, mapeando os futuros parceiros, produtores e consumidores locais. Devemos realizar palestras, mostras de vídeos e vivências que estimulem a solidariedade envolvendo comerciantes, trabalhadores autônomos, artesãos, artistas, donas de casa, desempregados etc.
- **7º passo:** Sistematização de dados para produzir um catálogo.

Sistematização dos dados levantados e organização dos mesmos em forma de relatórios e banco de dados. Essas informações devem ser devolvidas à comunidade em forma de catálogos de produtos e serviços existentes na comunidade, assim como estudos de potencialidades e demandas locais.

- **8º passo:** Montar planos de negócios e cadeia produtiva. Com os dados da pesquisa, construir um projeto detalhado de implantação da rede, identificando as bases de nossa cadeia de produção e consumo para a região Oeste. Também devem-se montar planos de viabilidade e negócios, definindo as prioridades de implantação, com base nas potencialidades locais.
- **9º passo:** Assessorar a implantação e acompanhar os grupos. Implantar a incubadora e as células de produção, consumo, microcrédito, gerência e comercialização. Comercializar produtos e serviços na loja, constituir grupos de compras coletiva, de troca e consumo solidário em cada comunidade. Construir um trabalho de parceria e complementaridade da rede entre os bairros.
- **10º passo:** Concretizar a rede (feiras, loja, células, crédito). Continuar o trabalho de motivação, capacitação e superação de dificuldades, reavaliação constante e ampliação de parcerias. Realizar eventos sociais e culturais, juntamente com feiras de economia solidária nas comunidades e em espaços da cidade.

Até o momento, chegamos na fase de construção dos planos de negócios da loja e criação do selo para certificação e aprimoramento dos produtos e serviços oferecidos na comunidade, garantindo a comercialização de produtos e serviços com qualidade técnica, ambiental, social e solidárias. Além disso, os produtos são identificados por rótulos e etiquetas.

Capacitação: organizamos vários seminários, oficinas e cursos de formação nas áreas de economia solidária, gestão, autogestão, administração, empreendedorismo e planos de negócios.

Serviços: organizamos e participamos de feiras e exposições em bairros, espaços públicos, eventos e, através de nossa loja, viabilizamos a divulgação e comercialização de produtos e serviços da rede.



Microcrédito: financiamos projetos tecnológicos e de gestão que aumentem a eficácia, a produtividade e o faturamento dos grupos existentes. Além disso, financiamos o desenvolvimento de iniciativas de pequenos empreendedores locais etc.

Formação de parcerias: trabalhamos em um ambiente propício ao desenvolvimento de parcerias e da integração das ações sobre a região, incentivando a multiplicação das formas associativistas, a formação de redes municipais, regionais e nacionais solidárias.

Protagonismo juvenil: identificamos e desenvolvemos nos jovens da região o empreendedorismo e a solidariedade, possibilitando a geração de trabalho e renda para a superação da pobreza.

Integração: buscamos integrar algumas organizações de base nas comunidades na formulação de novos empreendimentos solidários e na busca de infraestrutura, tecnologias e políticas públicas.

Incubadora: estamos funcionando como incubadora de alguns desses projetos, possibilitando o desenvolvimento e consolidação de grupos de produção que estão trabalhando na formulação de seus planos de negócios e captação de recursos. Esses grupos já iniciaram a produção, comercialização e prestação de serviços. Inicialmente, são eles:

Loja qualidade social: comercialização de produtos (principalmente o artesanato local) e serviços das comunidades, ONGs e parceiros. Participação em feiras e eventos, organização de compras coletivas e produção de catálogos.

Grupo de produção de eventos: equipe de jovens que trabalham na animação, organização e produção de eventos, seminários, shows e programações culturais.

Grupo de produção de papel reciclado: confecção de cartões, envelopes, pastas, embalagens e outros artigos com papel reciclado.

Grupo de produção de serigrafia e grafite: confecção de impressões em serigrafia, estampas em camisetas e cartazes, como também a elaboração de artes em grafite para sinalização de lojas.

7. Desafios de uma nova prática e uma nova proposta

A implantação de uma proposta desta magnitude esbarra necessariamente em dificuldades, o que torna necessário um trabalho paciente de convencimento e sensibilização continuados. Esse trabalho é fundamental pois mesmo uma pro-

posta construída de forma coletiva e processual sofre resistências internas e externas.

O grande desafio na construção de uma articulação complexa como o Engenho de Sonhos é a convivência de interesses imediatos com estratégicos, pessoais com institucionais, e de instituições e com o coletivo. Este é, marcadamente, um espaço de afloramento dos conflitos, que se traduzem em modelos e visões pedagógicas e institucionais divergentes, que podem estar competindo entre si ou buscando construir uma convivência comum. É um campo de experimentação, rico de aprendizados e saberes. Afinal, nosso maior desafio ainda é construir a unidade na diversidade, algo que para ser concretizado precisa garantir o desprendimento, a paciência, a sinceridade e a solidariedade.

Para isso, o único caminho possível é cada indivíduo se constituir num exemplo vivo de seus ideais, serem consumidores e produtores conscientes e solidários, amorosos consigo e com o próximo, estar em harmonia com seu eu interior e com a natureza ao seu redor. É preciso afirmar-se diariamente com os familiares, amigos e colegas de trabalho, através de atitudes. Isso tudo porque um mundo melhor é possível.

As práticas da economia solidária avançam a cada dia, em diversas iniciativas e experiências que reafirmam não apenas uma nova utopia mas constroem um novo modelo de sociedade, que brota nos rincões e escombros da velha forma. Assim como os burgueses lentamente corroeram o sistema feudal e instituíram o capitalismo, de forma dialética, podemos constituir as bases de uma economia planetária baseada na solidariedade e no respeito ao planeta e seus habitantes, fazendo, assim, de um sonho, toda a vida brilhar.

Bibliografía

- SILVA, Heronilza Nascimento Castro e. 1997. Comportamento Juvenil: a representação social de jovens transgressores construída pela imprensa escrita de Natal. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais, Natal, UFRN.
- DIEESE/SINE. 1999. Segundo pesquisa de Emprego e Desemprego realizada pelo- Nov/1999, DIEESE/SINE.

